

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: OESP Class.: Guarani / Caso Marçal

Data: 29/03/93 Pg.: 10 302

JUSTIÇA

Acusado de matar índio Marçal vai a julgamento

Edna de Souza, filha da vítima, acusa o fazendeiro Líbero Monteiro de Lima de ser o mandante do crime

ANTÔNIO JOSÉ DO CARMO
Especial para o Estado

PONTA PORÃ — O fazendeiro Líbero Monteiro de Lima, 61 anos, acusado de ter sido mandante do assassinato do índio Marçal de Souza, ocorrido em novembro de 83, será julgado hoje no prédio da Câmara Municipal de Ponta Porã. Do lado de fora, pelo menos 300 índios vão permanecer reunidos.

Entidades ecológicas e de direitos humanos de várias partes do mundo lotaram os corredores de Ponta Porã com mensagens para as autoridades e representantes do Poder Judiciário.

Marçal esteve na ONU, em Genebra, falou em conferências sobre os índios realizadas nos Estados Unidos, e teve dois amigos famosos: Sting e o papa João Paulo II.

Em 1980, durante a primeira visita do papa ao Brasil, Marçal foi um dos que discursou no

encontro de Manaus. Disse que estava recebendo ameaças de morte, na sua luta pela ampliação das reservas dos índios Kaywas. Em 91, na sua segunda visita ao País, João Paulo II ouviu de Edna de Souza, a filha mais velha de Marçal, que o pai havia sido assassinado e que o crime estava sem punição.

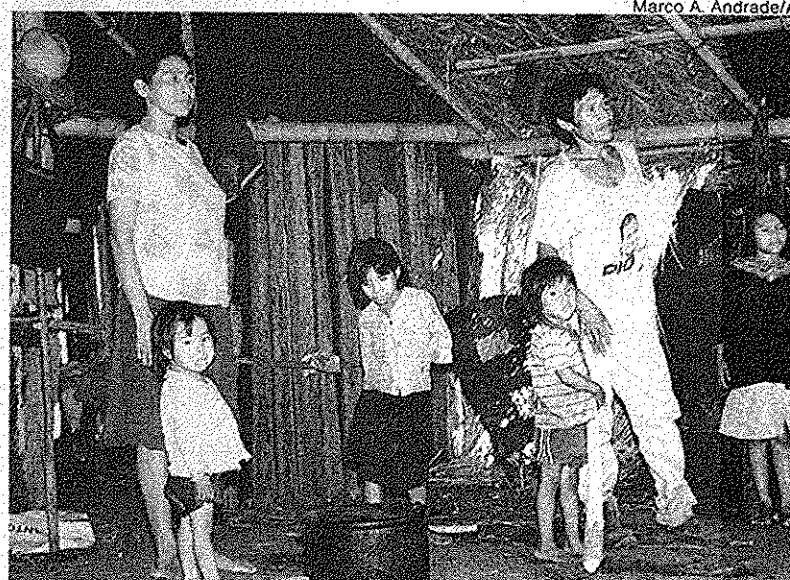
A morte de Marçal aconteceu na tribo dos índios Kaywas, Distrito de Campestre, no município de Antônio João, localizado na fronteira do Brasil com o Paraguai. Quatro homens chegaram procurando pelo índio. Marçal era assistente de enfermagem e funcionário da Funai.

Os estranhos diziam estar precisando de remédio. Não houve diálogo. Os pistoleiros só queriam chegar perto da vítima. O índio caiu depois de receber quatro tiros. Rômulo Gamarra empregado do fazendeiro Líbero Monteiro chegou

a ficar preso alguns meses. Depois ganhou liberdade e nunca mais foi encontrado.

Não há provas de que o fazendeiro Líbero Monteiro de Lima, seja o mandante do crime. O principal depoimento é o de Edna de Souza, filha de Marçal. Ela disse que o pai foi procurado por Gamarra a mando do fazendeiro, com uma proposta para que recebesse Cr\$ 5 milhões (valor de hoje) e deixasse de interferir na aldeia de Pirakuá que há mais de 30 anos vivia em atrito pela posse de suas terras.

Os índios kaywas ocupam 11 hectares. Metade da área não dá para ser explorada com a agricultura. A miséria é total. Miguel a mulher Alice e os 11 filhos têm pouca coisa para comer. Parte dos alimentos vem de esmolas financeiras enviadas por entidades filantrópicas internacionais. Miguel trabalha nas fazendas vizinhas.



Marco A. Andrade/AE

Miséria

Miguel e Alice: comida para seus 11 filhos é comprada com a ajuda de esmolas de entidades filantrópicas